

L'ARMÉE D'HITLER, LA WHERMACHT, LES NAZIS ET LA GUERRE

Omer Bartov, Prefácio de Philippe Burrin, (s/l), Hachette, 1999, 317 pp., ISBN 2-012-35449-1

A recente edição em França desta obra, escrita originariamente em inglês (*Hitler's Army. Soldiers, nazis, and the war in the Third Reich*, Oxford University Press, 1990) por um autor israelita, serve como pretexto para efetuarmos a sua recensão, tanto mais que nos parece ser livro de máxima importância para quem se interessa não só pelo último conflito mundial, mas também, por aquilo a que se poderia denominar como de uma aproximação a uma semiologia da estratégia, ou seja, o modo como a nossa interpretação do outro na acção estratégica influencia essa própria acção, constringendo-a, impossibilitando às vezes outra evolução da acção mais viável que a seguida de facto. Omer Bartov procura de facto demonstrar na sua obra como a visão nazi do Mundo, principalmente os preconceitos raciais ligados à ideia de inferioridade rácica do eslavo e do judeu, inculcada na tropa, desde antes da guerra, desde o simples soldado ao topo da hierarquia, condicionaram o modo como a guerra no Leste foi encarada, nomeadamente, tornando aceitável a brutalidade e abuso de força e poder sobre os inimigos, possibilitando uma permissibilidade ético-moral enorme, consubstanciada nas execuções em massa e assassinio de soldados e população civil soviética (incluindo-se os judeus) e também de extorsão e violação, brutalidade esta que se foi acentuando com a evolução negativa para a Alemanha da guerra na Frente Oriental, visto a tensão cada vez mais insuportável sofrida pela tropa num conflito de altíssima intensidade física e psicológica exigir também um escape emocional, expresso em actos de violência inauditos sobre o inimigo, fosse este a população civil ou a tropa soviética (fundamentalmente sobre os prisioneiros).

Historiograficamente, a obra de Omer Bartov é um exemplo arquetipal riquíssimo de como pode ser ampla a abordagem da historiografia militar, muito para lá da mera descrição, ou mesmo interpretação das acções militares. Combinando uma abordagem de História cultural com a da História militar estratégica-operacional, não sobredeterminando nenhuma sobre a outra, mas complementando-as, enriquecendo a abordagem e a interpretação científica, pode o autor apresentar-nos uma interpretação de relevância sobre as atitudes do soldado germânico face ao inimigo soviético-comunista. Com efeito, chave na sua interpretação, são um acervo

de centenas de cartas escritas por soldados da *Whermacht* na Frente Leste, entre 1941 e 1945, e diversas memórias aparecidas em livros e outras publicações, nomeadamente jornais, que lhe possibilitaram perscrutar a visão psicológica e cultural do combatente alemão face ao seu inimigo e no contexto da evolução progressivamente negativa, para a Alemanha, da guerra (a visão que os alemães tiveram do nazismo tem sido abordada em diversas obras. Veja-se por exemplo, Cf. Peter Reichel, **La Fascination du Nazisme**, (s/l), 1993).

A obra divide-se em quatro grandes capítulos que sucessivamente vão criando a estrutura do edifício que explica a tese do autor, o primeiro relativo à demodernização da frente e ao colapso da *Blitzkrieg* de 1941, e seus efeitos no desgaste das FA (Forças Armadas) alemães, que abre-nos à compreensão do segundo capítulo, à destruição dos “grupos primários”, à desintegração da tradicional infraestrutura que sustentava a combatividade das *Whermacht* e suas antecessoras. O terceiro capítulo estuda a perversão da disciplina como forma de sustentar a combatividade das FA alemães, perversão essa assente na permissividade ético-moral, na brutalização da tropa, na aceitabilidade do massacre, assassínio e outros abusos sobre o inimigo, fossem os elementos das FA soviéticas, fosse, maioritariamente a população civil. Por último, o quarto capítulo, como que nos enquadra toda esta evolução e a estrutura num quadro amplo e completo, ao analisar como a ideologia nazi, e seus preconceitos se inserirão e entranharão na mentalidade do combatente alemão e da sociedade alemã, e através dessa deformação (como diz o autor), dessa interpretação, tornaram natural e justificaram moralmente a tendência para a brutalização e permissividade ética e moral dos soldados alemães na guerra, brutalização essa, que correspondendo a similar resposta por parte dos soldados soviéticos, escalou numa espiral de violência (sentida mais tarde na Alemanha, através do desejo de vindicta russo, na violência sofrida pelos civis alemães às mãos do Exército Vermelho – vindicta que o autor considera muito mais branda que a violência praticada pela *Whermacht* e as SS no Leste), que só terminaria com o fim da guerra.

A demodernização da frente é o eixo à volta do qual se vai desenvolver a progressiva brutalização da guerra no Leste. Com efeito, a *Whermacht* assenta as suas vitórias entre 1939-1941 na superioridade no uso de um pequeno corpo técnico-tecnológico das suas FA, alicerçado numa aviação focalizada no apoio tático-operacional e na moto-mecanização de algu-

mas divisões do exército (em 1940, das 141 divisões empenhadas na campanha de França, apenas 10% eram blindadas). Como o autor relembra, aquando do ataque à URSS, já é nítido a inferioridade produtivo-tecnológica da Alemanha em sustentar as suas FA (em 1941, cerca de 6.000 carros de combate e 2.500 aviões alemães contra 24.000 carros de combate e 9.000 aviões soviéticos). Para cúmulo, a pequenez do corpo técnico-tecnológico alemão foi como que deglutinado pela vastidão da URSS, na medida em que assentando a sua vantagem na concentração num ponto focal de aplicação (denominado *Schwerpunkt* na terminologia prusso-alemã), e por conseguinte na decisão do combate e da campanha num espaço de dimensões relativamente curto e delimitado, a sobreabundância espacial da União Soviética acabou por impossibilitar a boa aplicação da *Blitzkrieg* num território de todo pouco apropriado à sua utilização. E não só, pois a própria pervivência do corpo técnico-tecnológico foi intensamente desgastado por essa sobreabundância de espaço acabando por aniquilá-lo no Inverno de 1941-42. Era a demodernização da frente, e o retorno a condições primitivas de combate, que o autor compara à situação da Frente Ocidental entre 1915 e 1917.

Esta demodernização da frente, reforçou o impacto já havido sobre as FA alemães com o fracasso da *Blitzkrieg* no Leste, consumado num brutal acréscimo das baixas; 75% da força inicial de combatentes estava fora de combate no início da Primavera de 1942. Esta evolução levou à pulverização e aniquilamento dos “grupos primários” de combate e à atomização e isolamento do combatente na frente, ou seja, explicitando a terminologia americana do autor, o núcleo básico do combatente, a sua secção ou pelotão, os *kameraden*, como gostam os velhos soldados alemães de dizer, que eram o sustentáculo e o âmago da moral combativa da *Whermacht* tinham sido dizimados. O autor aproveita este capítulo para efectuar também uma crítica feroz da ideia de que a *Whermacht* era uma entidade apolítica alicerçando a sua moral combativa nos ditos “grupos primários”, relevando que sendo talvez verosímil para a Frente Ocidental, onde muitos dos estudos sobre este conceito foram efectuados, o não pode ser para a Frente Leste, derivado dos pesados custos humanos que a caracterizavam, e sendo por isso necessário encontrar outro enquadramento para explanar a resistência alemã face à URSS até 1945. Essa explicação pode ser encontrada na perversão e permissividade da disciplina face ao inimigo, na aceitabilidade civilizacional e rática da violência indiscriminada sobre o inimigo (militar ou civil) como modo de alicerçar e sustentar

a moral combativa do combatente alemão, atomizado como estava desde o desaparecimento do seu “grupo primário.”

Tradicionalmente, era rigorosa a disciplina nas FA alemães, assente na obediência e na organização, na responsabilização e no ascetismo dos oficiais, assegurando a coesão nas situações mais difíceis. A ideia de “comunidade da frente” possibilitou entre as guerras a aproximação ideológica do exército e dos nazis, ambos apologetas do ascetismo do *Frontkämpfer*, o combatente da frente da Grande Guerra, abrindo as portas à progressiva politização da *Whermacht*. Esta progressiva politização assente em preconceitos ideológicos e raciais abriu as portas à aceitabilidade da brutalidade face aos grupos de “subhumanos”, já durante a campanha da Polónia, contra os judeus e contra os polacos, iniciando-se aqui uma progressiva perversão da atitude do combatente tendendo em direcção à sua total brutalização. Na Rússia, esta atitude torna-se a norma “moral”, sendo como fora considerada pelos nazis como uma guerra de extermínio, uma guerra que tomou características apocalípticas, deixando de se condenar todo o tipo de violências sobre o inimigo, e diluindo a própria moral individual de cada homem. A desintegração dos “grupos primários” confluindo-se com a ascensão da politização e ideologização nazi das FA, possibilitou o reforço dessa brutalização da guerra, contra todos aqueles que se opusessem à lógica nazi. Sem dúvida, o inimigo, mas também todos aqueles que no campo alemão confrontassem a ideologia nazi e fossem considerados como potenciais ou reais “derrotistas”. Os soldados passaram igualmente a controlar politicamente os seus “camaradas” que demonstrassem sinais de defecção ou fraqueza, reforçando pelo medo, a coesão e a moral combativa das FA alemãs. Omer Bartov salienta então, que enquanto entre 1914 e 1918 houve apenas 48 execuções por traição, entre 1939 e 1945 estas foram de 13.000 a 15.000 na *Whermacht*.

A ideologia nazi, consubstanciada na valorização da morte e da violência, celebrando a vitalidade através do abuso do poder e do acto agonista, tornando por isso, o combate como uma súmula da existência, incrustou-se facilmente à situação de tensão vivida pelo combatente da frente. Fascínio pelo apocalipse, pelo poder e pela destruição, assente numa fé irracional e absoluta em Hitler, numa unidade espiritual e mística entre o *Fuhrer* e o povo alemão, permitiu a demonização do inimigo, num combate espiritual e apocalíptico, onde tudo era permitido com vista à vitória e à sobrevivência, em que a própria luta desesperada dos russos, face ao

perigo de serem exterminados pelos alemães, era conotada com um fanatismo irracional e satânico dos comunistas exigindo-se por isso uma maior brutalização para os eliminar definitivamente como um vírus letal que ameaçava a Alemanha e a humanidade, e do qual os alemães eram o facho que alumia a futura civilização. Neste caldo de cultura, o próprio fascínio alemão pelo intelectual e filosófico ajudava a reforçar a politização da guerra, visto a *Whermacht* a pedido dos soldados, e já vindo de uma velha tradição, efectuar formação política e doutrinal através de debates políticos nas unidades, ajudando a conformar e configurar a mentalidade dos combatentes com os padrões nazis da guerra.

Esta evolução possibilitou a progressiva diabolização do inimigo e deificação de Hitler, a visão da batalha como teste supremo, a visão preconceituosa da superioridade racial e cultural da Alemanha e dos alemães, a visão da guerra a Leste como o enfrentamento apocalíptico de civilizações, do bem e do mal, e por conseguinte a aceitabilidade da brutalidade e da violência inaudita de molde a conformar o Mundo com a visão nazi deste. A guerra do Leste era justificada e justificável, nos seus moldes mais bárbaros com a necessidade de salvar a civilização da Europa face à “barbárie” comunista. E cada acto de maior resistência desesperada dos russos ser taxado como um exemplo do excesso de fanatismo irracional do comunismo que devendo ser extirpado em nome da humanidade exigiria um acto ainda mais brutal por parte dos combatentes alemães, quando era a própria brutalidade da invasão e da guerra de extermínio feita à URSS pelos alemães que levava à resistência desesperada dos soviéticos. Esta observação entre a relação da ideologia, da brutalização e renovada brutalização da guerra como resposta à contínua e também renovada resistência já fora contudo salientada por Michael Geyer (veja-se Cf. o autor “Germany Strategy in the Age of Machine Warfare” in Peter Paret, ed., **Makers of Modern Strategy – From Machiavelli to the Nuclear Age**, Oxford, 1994, pp. 527-567).

A ideologização das FA e a cega confiança em Hitler, ajudou as FA alemães a aceitar a deformação da realidade de acordo com uma perspectiva nazi, a permitir uma perversão da moral e ética, que legitimou nos soldados a aceitabilidade das políticas de genocídio e extermínio nazi, com vista segundo esta, a salvar a Europa, levando em última análise à desumanização da *Whermacht* e dos combatentes alemães, que sustentou a resistência, mesmo face à derrota inevitável (até porque as políticas de extermínio aceites, consentidas e feitas por quase todos, faziam temer o

pior na derrota), até que a morte do *Fuhrer* quebrou os laços de fidelidade e fascínio, e tornou a rendição inevitável.

A obra de Omer Bartov releva como a visão do outro na estratégia pode moldar de forma “absurda” a própria acção estratégica, impossibilitando medidas mais eficazes de solução do conflito. É certo que, no caso do enfrentamento apocalíptico entre a Alemanha nazi e a URSS comunista, tal visão foi moldada pela própria “absurdidade” do regime nazi, e pela sua visão preconceituosa extrema e absoluta deformação desumanizada de perscrutar o Mundo. Além disso, Bartov, permite-nos ver como é tão enganosa a similaridade que hoje muitos vêem entre o comunismo e o nazismo, de certo modo, como salienta o autor, legitimando-o apenas como uma mera ideologia política, desculpabilizando-o, em última análise. Os crimes hediondos do nazismo, podem ser numericamente equivalentes aos do comunismo, mas a ideologia nazi, ao contrário da comunista, carregava consigo conscientemente a vontade de exterminar e de eliminar aqueles que o preconceito nazi considerava como “subhumanos”. De facto, enquanto a eliminação dos “burgueses” foi uma sequência contextualizável do processo de afirmação do comunismo, uma sequela do processo revolucionário, mais do que uma intenção alguma vez impressa na ideologia, pelo menos de forma consciente, no nazismo, o culto da violência e da raça superior, tinham nela entranhada e impressa a violência assassina de que deu tantas provas, uma cultura assente basicamente no ódio a toda a diferença e ao Mundo (Ian Kershaw salienta precisamente que a marca característica do poder de Hitler foi a destruição, e que no seu vocabulário político, é sistematicamente usada a palavra aniquilamento, *Vernichtung*. Cf. Ian Kershaw, **Hitler, um Perfil de Poder**, Rio de Janeiro, 1993, p. 187) . Lendo a obra de Omer Bartov, é clarividente como tão distinto pode ser, quando se quer aprofundar verdadeiramente a História, a distância que vai da URSS comunista à Alemanha nazi.

Em última análise, esta obra abre-nos a porta para o verdadeiro fascínio que é aprofundar a História, buscando na rigorosa selecção das fontes e numa pesquisa aturada, redescobrir como foi de facto, e como neste particular caso, não deve voltar jamais a ser a História da humanidade.

António Paulo Duarte